

A IMPORTÂNCIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE PARA OS ESTUDOS DAS EXPRESSÕES CULTURAIS E SEUS AGENTES COMO PRODUTORES DE COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA

<https://doi.org/10.56754/0718-4867.2026.3820>

Dra. Cristina Schmidt
Faculdade Bertioga, São Paulo, Brasil
cris_schmidt@uol.com.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1208-2061>

Recibido el 2026-05-15
Revisado el 2026-06-25
Aceptado el 2026-07-21
Publicado el 2026-08-28

Resumo:

Introdução: A teoria folkcomunicacional torna-se importante fundamento para reflexões sobre a realidade contemporânea imersa em procedimentos de comunicação altamente tecnologizados. Principalmente às práticas comunicativas dos grupos sociais subalternizados, pois propicia uma leitura dos vários segmentos da sociedade, e localiza os atores em seus processos e relações. **Objetivos:** este artigo buscou evidenciar a relevância e atualidade dessa teoria e compreender as expressões culturais e seus agentes como produtores de comunicação contra hegemônica. Argumentou que o estudo desses grupos implica em reconhecer a importância da produção cultural expressa por estes de modo a revelar seus conhecimentos, saberes, ideias e valores éticos e estéticos, modo de viver e se relacionar, por meios de comunicação próprios, com métodos de produção, mediação e manifestação que os posicionam na arena social. **Metodologia:** com base em referências do campo da Folkcomunicação, o artigo faz uma análise descritiva da problemática. **Discussão:** nesses termos, considera que o estudo desses grupos implica em reconhecer a

importância de sua produção cultural, seus métodos de elaboração, intervenção e presença; e em corroborar com as expressões culturais e seus agentes, dinamizados por um folk ativismo com uma comunicação contra-hegemônica nos diferentes espaços da arena social.

Conclusão: estar envolto na dinâmica desse processo que a atualidade da teoria da Folkcomunicação se faz.

Palavras-chave: folkcomunicação, comunicação contra-hegemônica, grupos marginalizados, folk-ativismo.

LA IMPORTANCIA DE LA FOLKCOMUNICACIÓN EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA PARA EL ESTUDIO DE LAS EXPRESIONES CULTURALES Y SUS AGENTES COMO PRODUCTORES DE COMUNICACIÓN CONTRAHEGEMÓNICA

Resumen:

Introducción: La teoría de la Folkcomunicación se convierte en una base importante para las reflexiones sobre la realidad contemporánea inmersa en procedimientos de comunicación altamente tecnologizados. Esto es especialmente cierto para las prácticas comunicativas de los grupos sociales marginados, ya que proporciona una comprensión de diversos segmentos de la sociedad y ubica a los actores dentro de sus procesos y relaciones.

Objetivos: destacar la relevancia y actualidad de esta teoría y comprender las expresiones culturales y sus agentes como productores de comunicación contrahegemónica. Argumentó que el estudio de estos grupos implica reconocer la importancia de la producción cultural que expresan para revelar sus conocimientos, sabiduría, ideas y valores éticos y estéticos, su forma de vida y relaciones, a través de sus propios medios de comunicación, con métodos de producción, mediación y manifestación que los posicionan en el ámbito social.

Metodología: con base en referencias del campo de la Folkcomunicación popular, el artículo ofrece un análisis descriptivo del problema. **Discusión:** En estos términos, considera que el estudio de estos grupos implica reconocer la importancia de su producción cultural, sus métodos de elaboración, intervención y presencia; y en la corroboración de las expresiones culturales y sus agentes, dinamizadas por el activismo popular, con la comunicación contrahegemónica en diferentes espacios del ámbito social. **Conclusiones:** es la participación en la dinámica de este proceso lo que hace que la teoría de la comunicación popular sea relevante hoy en día.

Palabras clave: folkcomunicación, comunicación contrahegemónica, grupos marginados, folk-activismo.

THE IMPORTANCE OF FOLK COMMUNICATION IN CONTEMPORARY TIMES FOR THE STUDY OF CULTURAL EXPRESSIONS AND THEIR AGENTS AS PRODUCERS OF COUNTER-HEGEMONIC COMMUNICATION

Abstract

Introduction: Folkcommunication theory becomes an important foundation for reflections on contemporary reality immersed in highly technologized communication procedures. This is especially true for the communicative practices of subaltern social groups, as it provides an understanding of various segments of society and locates the actors within their processes and relationships. **Objectives:** to highlight the relevance and timeliness of this theory and to understand cultural expressions and their agents as producers of counter-hegemonic communication. It argued that the study of these groups implies recognizing the importance of the cultural production expressed by them in order to reveal their knowledge, wisdom, ideas, and ethical and aesthetic values, their way of life and relationships, through their own means of communication, with methods of production, mediation, and manifestation that position them in the social arena. **Methodology:** based on references from the field of Folkcommunication, the article provides a descriptive analysis of the problem. **Discussion:** in these terms, it considers that the study of these groups implies recognizing the importance of their cultural production, their methods of elaboration, intervention, and presence; and in corroborating cultural expressions and their agents, energized by folk activism with counter-hegemonic communication in different spaces of the social arena. **Conclusion:** it is, therefore, being involved in the dynamics of this process that makes the relevance of Folkcommunication theory relevant today.

Keywords: folkcommunication, counter-hegemonic communication, marginalized groups, folk activism.

1. Introdução

O campo da Folkcomunicação vem se consolidando a cada ano e torna-se importante fundamento para reflexões sobre a realidade contemporânea imersa em processos de comunicação altamente tecnologizados. Ligada às práticas comunicativas dos grupos sociais subalternizados, esse método permite uma leitura dos vários segmentos que compõem a sociedade, e localiza os atores em seus processos e relações de produção comunicativa contra-hegemônica. Tem na cultura popular o campo definidor de seus objetos de estudos e de corpus dinâmicos de pesquisa, sendo que lhe interessa particularmente os processos comunicacionais aí construídos.

Considerando que os pressupostos da Folkcomunicação contemplam a diversidade cultural abrangendo manifestações de diferentes etnias, gêneros, e segmentos sociais singulares, o estudo desses grupos implica em reconhecer a importância da produção cultural expressa por estes de modo a revelar seus conhecimentos, saberes, ideias e valores éticos e estéticos, modo de viver e se relacionar, seus métodos de produção, mediação e manifestação comunicacional.

É notório que os meios de comunicação hegemônicos sempre mantiveram uma relação restritiva com o universo popular. Mas, a utilização de personagens, formatos e conteúdos populares para o fortalecimento do capital sempre esteve presente em diferentes mídias – seja em propagandas, seja em outras produções audiovisuais como filmes, novelas, reality shows, programas humorísticos, propagandas ou reportagens. Assim como também é apropriado em conteúdos de rádio e impressos diversos. Hoje em dia, podemos identificar o uso de referências populares também na internet, seja em sites, em comunidades virtuais, ou em redes sociais.

A cultura popular brasileira tem sido historicamente alvo de desvalorização, frequentemente categorizada como inferior, medíocre ou desprovida de erudição. Tal depreciação é um resultado estrutural derivado da intervenção colonial européia e, mais recentemente, de uma dimensão capitalista global.

A subestimação da cultura popular é um tema amplamente documentado na literatura acadêmica brasileira. Diversos pesquisadores brasileiros de diferentes áreas do conhecimento como por exemplo: Renato Noguera, Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, Marta Arretche, Jessé Souza, Muniz Sodré, Cicília Peruzzo, Raquel Paiva, entre

tantos outros têm evidenciado essa subjugação histórica na estrutura sócio-política e nos meios de comunicação. Desde os relatos coloniais até o contexto contemporâneo, a representação estereotipada de múltiplos grupos culturais e étnicos tem sido perpetuada tanto nos meios de comunicação hegemônicos quanto em instituições como as de ensino em todos os níveis, o sistema financeiro, o sistema de saúde e os espaços culturais.

Historicamente, a segregação social impôs aos grupos populares, sejam eles rurais ou urbanos, a necessidade de desenvolver estratégias de resistência e diálogo. Essas comunidades engajaram-se em um processo de ressignificação e recriação de seus fundamentos culturais, promovendo a mescla desses elementos com valores hegemônicos como forma de atender às demandas sociais e garantir seu posicionamento na sociedade.

A dinâmica decorrente desse processo contribui efetivamente para a constituição de canais próprios para a comunicação, a transmissão de informações e a formação sociopolítica dos grupos subalternizados. Ademais, o reposicionamento mercadológico do capital na atualidade tem fomentado a expansão das manifestações populares nas infovias e espaços virtuais. Esse fenômeno, ao envolver ativamente as gerações jovens, refuta a percepção de que o folk constitui um elemento obsoleto ou ultrapassado (Schmidt, 2022a).

Luiz Beltrão ao propor essa disciplina há seis décadas, constatou que os diferentes grupos sociais rurais e urbanos transmitiam suas ideias e se organizavam por meio de suas expressões culturais do cotidiano comum, da religiosidade, dos acontecimentos folclóricos e dos saberes ancestrais. E, passou a sistematizar e descrever as diferentes manifestações populares em seus processos de comunicação interpessoal e transmissão de saber. Os estudos recentes continuam com essa metodologia abordando os modos culturais num cenário diverso em termos culturais e tecnológicos, o que contribui para subsidiar diversos estudos interdisciplinares de grupos científicos nacionais e internacionais, órgãos governamentais e instituições científicas e comunitárias.

Com a prática crescente de grupos socioculturais em redes sociais digitais moldando suas expressões, por meio de um folk ativismo no contexto da cibercultura, e se ressignificando em função de um mercado econômico e cultural hegemônico, vários autores têm se colocado a construir novas abordagens pós-beltranianas a fim de abranger essas reconfigurações. E, desse modo demonstram a atualidade e relevância desta teoria em compreender as expressões culturais e seus agentes como produtores de comunicação contra hegemônica.

Nesse cenário que se atualiza, é possível retomar as questões iniciais levantadas por Beltrão e indagar: de que maneira os grupos populares e marginalizados se comunicam nessas redes? A pesquisa em folkcomunicação visa compreender como os grupos marginalizados dos processos comunicativos hegemônicos se comunicam – seja com recursos digitais ou analógicos. Para entender a folkcomunicação, é necessário compreender a comunicação dos grupos marginalizados — seus meios e mensagens. As formas de expressar ideias e informações características dos grupos em sua linguagem permitem que emissor e receptor se envolvam numa comunicação própria ao mundo ao qual pertencem.

Portanto, o objetivo central deste artigo é evidenciar a relevância e a atualidade da teoria da Folkcomunicação para a compreensão das expressões culturais e de seus agentes como produtores de comunicação contra-hegemônica. Argumentamos que o estudo desses grupos é crucial, pois permite reconhecer a importância da produção cultural que expressam. Essa produção revela seus conhecimentos, saberes, ideias, valores éticos e estéticos, e seus modos de vida e relacionamento por meio de comunicação própria. Tais mecanismos de produção, mediação e manifestação os posicionam ativamente na esfera social.

Com base bibliográfica no campo da Folkcomunicação, este artigo realiza uma análise descritiva da problemática, traz algumas considerações sobre a crescente atuação de grupos socioculturais, que inclusive adaptam suas expressões aos meios digitais, numa dinâmica positiva de folk-ativismo. E, também, procura evidenciar a relevância do uso da Folkcomunicação como referencial metodológico apropriado para pesquisas na atualidade.

2. Os processos folkcomunicacionais

Luiz Beltrão, em seus estudos iniciais sobre folkcomunicação, a partir de 1967, acompanhou diversas expressões populares de grupos rurais e urbanos para entender como eles se comunicavam e transmitiam seus conhecimentos e práticas. Mais especificamente, ele examinou as manifestações culturais de grupos subalternizados, aqueles que estão à margem dos centros de poder e tomada de decisão. Sua principal preocupação era compreender os processos criados e estabelecidos por esses grupos para se comunicar, transmitir seus valores, referências, conhecimentos e sentimentos. Ao analisar esses processos, ele percebeu que tais grupos configuram a sociedade e suas relações, apresentando uma perspectiva única de sua comunidade e realidade. Muitas vezes, suas expressões desafiam a visão predominante e institucionalizada.

Em seus estudos, Beltrão (1980) ressalta que ao analisarmos os grupos marginalizados e suas formas de comunicação, nossa atenção deve se desviar do enfoque dado pelos meios de comunicação de massa. Em vez disso, é fundamental entender a maneira como esses grupos percebem o mundo ao seu redor e o que este representa para eles. Ou seja, as investigações desse campo precisam abranger os processos comunicacionais relacionados a esse contexto que, por sua vez, vai revelar uma conexão íntima entre a cultura subalterna e a comunicação singular de cada grupo. Essas ações comunicativas resultam em uma forma diferenciada de disseminação de informações e expressão de pensamentos e laços coletivos.

Dessa arena emergem os objetos de estudo, pois “folkcomunicação é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos grupos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p.24). Os processos folkcomunicacionais são as expressões dos grupos marginalizados, as narrativas culturais entendidas como processos de transmissão de informação, formas de comunicação existentes no âmbito da cultura popular e das manifestações folclóricas.

Já a Folkcomunicação, enquanto área científica de pesquisas, investiga justamente esses processos procurando fugir de preconceitos e possíveis vieses metodológicos, e como já pontuava Hohlfeldt (2006), há exatos vinte anos, sobre a postura de Luiz Beltrão em tomar sua própria experiência de vida para pensar a folkcomunicação:

[...] como uma comunicação de resistência, mais do que simplesmente alternativa ou de marginalizados. Soube entender que a marginalização não poderia ser apenas um conceito atribuído passivamente a estes amplos segmentos populares, porque eles não se valem das estratégias dos meios de comunicação social apenas porque não podem ascender a eles, mas deveria ser pensado enquanto conceito ativo, ou seja, esses segmentos não se sentem plenamente atendidos por esses meios de comunicação social ou, mesmo, negam-se a eles ou, enfim, e sobretudo, hoje em dia, valem-se deles apenas como uma fonte a mais para sua inspiração, criação, qualificação e ampliação de suas próprias estratégias. (p.65-66)

Beltrão (1971) afirma que esse processo envolve tanto o agente de folk quanto o líder de opinião, que desempenha um papel central na intercomunicação, pois é capaz de recodificar a mensagem midiática e reinterpretar a informação de acordo com os valores da comunidade em que está inserido. Lembrando sempre que enquanto os conteúdos produzidos pela comunicação de massa são dirigidos ao mundo, as expressões folkcomunicacionais são

destinadas a um mundo específico em que palavras, signos gráficos, gestos e atitudes, linhas e formas mantêm uma relação interpessoal e intersubjetiva ao grupo que a produziu.

Portanto, o processo de decodificação e transmissão de mensagens conta com atuação significativa do líder de opinião ou comunicador de folk. Podemos considerar que ele desempenha um papel educativo em seu grupo, assimilando e compartilhando conteúdos que atendem aos interesses do coletivo. Em outras palavras, é uma figura que exerce influência e promove uma interação por meio de diálogos compartilhados tanto dentro quanto fora do grupo.

Atualmente, os processos folkcomunicacionais coexistem com a sociedade fortemente estruturada com muita tecnologia digital de comunicação e informação (TDICs) em meios e suportes de acesso massificado – smart TVs, computadores, celulares – e incorporam as técnicas, linguagens e formatos. Constata-se que expressões folkcomunicacionais utilizam amplamente plataformas como TikTok, Instagram e YouTube. Esses recursos não atrapalham a relação com a comunidade; ao contrário, muitas vezes fortalece e aproxima mais pessoas ao grupo, pois o uso das TDCIs requer o domínio do processo de produção cultural, bem como do percurso histórico no qual estão vinculados; e, usam os recursos tecnológicos para posicionar sua manifestação na arena comunicacional globalizada (Schmidt, 2022b).

Beltrão nunca esteve longe dessa reflexão sobre a dinâmica da cultura, como bem ressalta Juremir Machado da Silva (2014, p.24) citando o autor:

A dinâmica da cultura que, graças às conquistas tecnológicas que permitiram uma maior e imediata distribuição da informação da atualidade através dos mídias eletrônicas e, também, o maior acúmulo de normas e conhecimentos educacionais, artísticos e científicos, alterou a percepção da massa, capacitando-a a receber e a interpretar a mensagem, desde que não lhes sejam camoteados os dados essenciais.

Diversos estudiosos contemporâneos contribuem para que a teoria beltraniana contemple as novas práticas comunicacionais dos grupos marginalizados, demonstrando a dinamicidade do campo e as novas abrangências. Eles tomam esses novos objetos, ampliam e atualizam o pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, fazendo contribuições importantes para a permanência e alcance da área.

Sem evidenciar esses novos objetos, mas dentro dessa dimensão das novas dinâmicas, as obras de Luyten (1998) e Benjamin (2000) são essenciais ao conceberem o conceito de "folk mídia" nas práticas comunicativas da cultura popular e dos meios de massa. Dessa mesma geração, Trigueiro (2008) faz uma das mais importantes contribuições para se pensar as práticas contemporâneas de folkcomunicação, elaborar o conceito de ativismo midiático, profundamente ligado ao que ele chama de comunicação de proximidade.

Diferente do ativismo digital clássico que vemos em redes globais, o foco de Trigueiro (2008) reside na capacidade de grupos locais e movimentos sociais utilizarem os meios de comunicação para dar visibilidade a causas específicas de suas comunidades. Para ele, o ativismo ocorre no momento em que os grupos deixam de ser apenas consumidores de tecnologia e passam a se apropriar dela. Isso transforma ferramentas de informação em ferramentas de luta política e social.

Cristina Schmidt e Sérgio Luiz Gadini, em diferentes artigos, analisam a contemporaneidade das teorias de Beltrão e como elas podem ser aplicadas para analisar ações de resistência cultural. Trazem para o campo das políticas públicas, das questões de patrimônio imaterial, dos atores sociais e do ativismo. Voltam seus olhares para aspectos da Folkcomunicação Política. Nessa mesma linha, Maria Erica de Oliveira, em diferentes produções, tem seu foco na relação entre os meios de comunicação de massa, as redes digitais e as vozes locais. Ela observa como o discurso ativista utiliza elementos da cultura popular (como o cordel, a música regional ou os memes locais) para construir uma contra-narrativa aos grandes conglomerados de mídia.

Ainda sobre práticas de folkcomunicação, onde as manifestações populares são ativas e ativistas, ferramentas de denúncia e resistência política, as pesquisas de Karina Janz Woitowicz evidenciam os grupos marginalizados (especialmente direcionadas a questões de gênero - folkfeminismo) com ativismo nas redes como extensão de suas lutas.

Estudos recentes sobre as práticas folkcomunicacionais, ou mais especificamente, a práxis folkcomunicacional fizeram uma aproximação com o pensamento de Paulo Freire. A ideia de aproximar os dois autores estava em refletir sobre conceitos de práxis e comunicação dialógica — a união entre ação e reflexão para a transformação social, foi referenciada em artigos de Hohlfeldt (2011) e Schmidt (2022b). Para eles, apesar de Freire e Beltrão atuarem

em campos distintos (Educação e Jornalismo), ambos convergiram para uma visão de comunicação que valoriza o protagonismo dos sujeitos marginalizados.

Ao trazer Freire para o debate, Hohlfeldt (2011) reforça o caráter emancipador das trocas comunicativas populares. E também contribui com uma posição mais crítica da Folkcomunicação no meio acadêmico, rompendo com alguns preconceitos que limitavam a teoria ao estudo de folclore.

Mas, é o pesquisador Fernandes (2022) que atualmente desenvolve com maior atenção concepções da práxis folkcomunicacional. Para o autor, a práxis é a união indissociável entre a teoria e a prática. Não basta observar como os grupos marginalizados se comunicam; a práxis folkcomunicacional ocorre quando essa comunicação é usada como ferramenta de resistência, mobilização e transformação da realidade local. Além disso, sugere que quem pesquisa ou trabalha com Folkcomunicação deve ter um compromisso ético com os grupos estudados. A práxis envolve um engajamento direto para ajudar a fortalecer a voz desses grupos frente aos processos de globalização.

3. Atores e ativismos

Em decorrência de uma sociedade multinacionalizada e com grandes demandas tecnológicas de comunicação e informação, as práticas folkcomunicacionais e audiências específicas se deparam e se expandem com novas linguagens e formatos, o que favorece uma comunicação mais atualizada com os grupos subalternizados. Nesse contexto, criam a oportunidade da construção de novas linguagens com novas tecnologias e, com isso, a incorporação de várias gerações, inclusive as mais jovens, às manifestações antes estagnadas e desenvolvem novas, propõem outros diálogos com outros grupos ou até mesmo com o próprio, mas com outra abrangência.

Bom destacar que, não é a originalidade ou a antiguidade da produção cultural que caracteriza a folkcomunicação, mas seu processo e as conexões entre pessoas e redes de interlocução social. Ela acontece com recursos acessíveis aos grupos que estão à margem dos processos hegemônicos, e adotam linguagens que permitem a interatividade e a comunicação interpessoal. Em várias situações, a adoção de tecnologias por líderes comunicadores jovens revitaliza as relações interpessoais e comunitárias.

Trigueiro (2008), conforme apontamos acima, apresenta uma visão sobre a maneira como esses atores protagonizam as medições, e define como "ativismo midiático" em relação à atuação de líderes de folkcomunicação. Ele aborda as diversas formas de atuação nos processos comunicativos e destaca como um desafio às tensões que surgem em várias negociações entre as culturas locais e as novas exigências da sociedade da informação. Trigueiro (2008), ao citar Beltrão, concebe os agentes comunicadores do sistema de folkcomunicação — definido como comunicador de folk — como “mediadores ativistas nas negociações da audiência das mensagens midiáticas que circulam nos vários estágios de difusão nos grupos sociais de referência do local interligados pelos sistemas interpessoais de comunicação” (p.129).

Os ativistas midiáticos operam em diversas esferas da comunicação, estabelecendo conexões e negociações, desempenhando o papel de "interlocutor em variados contextos culturais". Eles desempenham um papel crucial em situações de pressão que demandam uma atuação mais vigorosa de provocação coletiva. Para Trigueiro (2008), o ativista midiático é o personagem central para facilitar o diálogo no processo de democratização da comunicação, e da formação crítica de seus receptores, em suas palavras:

O ativista midiático não elimina os novos conflitos, as lutas pelas novas formas de poder. O seu papel é minimizar as divergências através dos diálogos, gerar situações que possam viabilizar na estrutura social do seu grupo, as interligações cirúrgicas dos vasos comunicantes, restabelecendo, na medida do possível, a compreensão e a solidariedade. (Trigueiro, 2008, p.136)

O vínculo com uma comunidade física ou virtual é intrinsecamente moldado pela natureza da transgressão ou engajamento que o indivíduo busca. Essa afiliação pode se manifestar em diversos campos da esfera social, incluindo:

- a. Engajamento Político e de Cidadania: partidos políticos, movimentos étnicos, de gênero, ONGs ecológicas e pacifistas.
- b. Produção Artística e Cultural: Grupos musicais e danças de estilos e culturas variadas; literatura de diferentes gêneros e formatos; atividades artísticas que abrangem a arte de rua, o artesanato, exposições em galerias e museus; shows, teatro, circo.
- c. Expressões festivas e religiosas: Festas populares, procissões, ex-votos, carnaval, cortejos, romarias, rituais religiosos de diferentes denominações e origens.

Tais atuações demonstram uma ampla conectividade física ou virtual, em expressões de cultura popular tradicional ou contemporânea, tais como expressões originariamente

vinculadas ao universo rural de grupos de dança quilombola ou congada de São Benedito, expressão de fé como Festa de Nossa Senhora Aparecida ou a consagração de Iemanjá, ou a elaboração e divulgação de cordel; até manifestações contemporâneas de cultura urbana e digital como o hip-hop, a tatuagem, o grafite, os podcast e videocast, sites, blogs.

Para a Folkcomunicação, tais práticas representam um aspecto positivo que insere o público jovem como um interlocutor ativo e proativo diante dos desafios sociais contemporâneos. Essa geração, que se relaciona de modo fluente com as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCI), estabelece uma relação interativa e dinâmica tanto com os dispositivos tecnológicos quanto com seus públicos.

Devido à sua familiaridade com o ritmo acelerado da informação, essa juventude demonstra maior desenvoltura na leitura imagética, em processos de sobreposição e substituição rápida de dados, e transita com facilidade no universo dos videogames e vídeos. Consequentemente, dialoga com maior prontidão com os mecanismos e recursos inerentes às TDCIs.

A atuação crescente de grupos socioculturais jovens, que adaptam suas expressões ao contexto da cibercultura, dinamiza uma nova modalidade de folk-ativismo. Marcelo Sabbatini (2011) vai cunhar o termo "Ciberfolk" compreendendo a reconfiguração das manifestações populares na internet. Para ele, o ativismo midiático passa pela apropriação de ferramentas digitais para manter vivas as identidades coletivas, transformando o "usuário" em um agente de folk-ativismo.

Esta realidade estabelece um cenário inédito para a emergência de relações sociais desterritorializadas, nas quais as fronteiras espaciais são redefinidas e limitadas, sobretudo, pela capacidade de acesso à internet. Esta nova configuração tecnológica e social acarreta profundas modificações nos formatos de comunicação. O fluxo comunicacional se torna significativamente mais intenso e fluido, permitindo que as informações circulem em maior escala e em tempo real.

Incorporar as tecnologias digitais à produção cultural popular agrega elementos comunicativos atualizando o grupo às linguagens da sociedade contemporânea. E, com isso, os estudos em folkcomunicação também estarão refletindo a partir desses paradigmas que aí se constituem. Se os recursos das TDCIs propagam expressões de um mundo para o

mundo, os mesmos recursos potencializam os processos de folkcomunicação na propagação de suas mensagens, na sensibilização de públicos, na mobilização para ações interpessoais e extra-grupais.

Os processos folkcomunicacionais são frequentemente mediados por lideranças folk. Estes indivíduos atuam como mediadores e negociadores responsáveis pela codificação do fluxo e contrafluxo da informação. Conforme definido por Beltrão (1980), o comunicador folk intermedia a participação da comunidade nos meios midiáticos e a subsequente incorporação das características advindas dessa interação. Tais agentes não se restringem a um único indivíduo, constituindo-se, muitas vezes, em um coletivo de pessoas que dão suporte aos jovens e facilitam sua integração na comunidade.

É crucial destacar que a atuação do líder de folk é determinante para o desenvolvimento do ativismo midiático, que visa primariamente informar seu público e fortalecer suas posições em oposição à comunicação predominante e hegemônica, frequentemente veiculada por grandes grupos empresariais e políticos. Com isso, reitera-se a relevância dos processos folkcomunicacionais na construção de mecanismos contra-hegemônicos, e da teoria da Folkcomunicação como referencial capaz de fundamentar uma análise clara dessas estratégias comunicacionais.

Neste ponto, o foco da reflexão converge para os processos folkcomunicacionais, por meio dos quais apresentaremos exemplos de expressões utilizadas por grupos urbanos marginalizados e estudados por autores pós-beltranianos.

Exemplificando inicialmente com o grafite, uma manifestação artística e política de intervenção urbana, que utiliza o espaço público como suporte para expressões visuais, estéticas e críticas, frequentemente ligadas à identidade de grupos marginalizados e à cultura popular. Essa expressão configura-se como um relevante processo folkcomunicacional opinativo dos grupos subalternizados como uma forma de ativismo visual no cenário urbano, sendo o emissor figurado no grafiteiro.

Em meio a edifícios, veículos e demais elementos que compõem a paisagem urbana, a parede/o muro é utilizada como canal. A mensagem é veiculada por meio da pintura, combinando códigos visuais expressos em letras, cores e formas. Essa comunicação, articulada por jovens artistas, projeta-se para o mundo e atinge públicos diversos. É

justamente essa natureza comunicativa que impulsiona a integração e a convergência discursiva entre diferentes artistas do grafite ao redor do mundo, fortalecendo mensagens e causas sociais comuns.

Essa temática tem sido recorrente no campo da Folkcomunicação, mas uma referência que se destaca é Júnia Martins que refinou o olhar sobre as intervenções urbanas no campo da Folkcomunicação, trazendo uma nova perspectiva para os conceitos de Luiz Beltrão. Para Martins (2017), o grafite não é apenas arte de rua, mas sim um processo de comunicação marginal e ativista. Ela argumenta que o grafite utiliza a cidade como um "suporte folkmediático". Ao pintar um muro, o grafiteiro subverte a propriedade privada e a estética oficial da cidade para dar voz a grupos que não têm espaço na mídia hegemônica. Também avalia o grafite como uma forma de Folkcomunicação Política. E, também observa como esse "ativismo visual" migra das ruas para as redes sociais ampliando a capacidade de propagação das narrativas populares atuais.

Outro exemplo que manifesta uma postura de resistência, enraizada na consciência social e na leitura crítica do mundo, é a Literatura de Cordel. O cordel constitui uma expressão fundamental de comunicação e informação popular. Originalmente feito de forma impressa em papel e exposto em feiras e mercados populares, atualmente utiliza recursos gráficos de grande tecnologia, são difundidos também em livrarias e grandes eventos literários, assim como em blogs e redes sociais digitais.

Beltrão (1971) define a literatura de cordel como um gênero textual que emerge da criação popular e pode ser interpretado como um texto jornalístico devido ao seu caráter informativo veiculado em métricas. Socialmente, o cordel cumpre a mesma função do discurso jornalístico, ao inteirar o público leitor sobre fatos momentâneos ou históricos. Além disso, adquire um forte caráter opinativo, na medida em que o poeta apresenta as temáticas sob a ótica de suas próprias ideias.

Essa correlação com o campo jornalístico é corroborada por Marques-de-Melo (2008), para quem o cordel pode ser considerado jornalismo. Este, segundo aspecto, caracteriza-se por ser um discurso informativo e opinativo cujas funções essenciais são informar, opinar e interpretar por meio de uma variedade de gêneros textuais (como editorial, resenha, crítica, coluna, crônica, caricatura e carta), conforme discutido por Mergulhão, Schmidt e Jaconi (2021). É o que constatamos no estudo de Perdigão (2022, p.12) que coloca a hipótese de

que “o folheto de política da literatura de cordel seria uma mídia informativa alternativa, popular e contra hegemônica, e que estaria sendo utilizada por parte do segmento comunicacionalmente excluído do país como forma de se incluir na esfera pública”, confirmada em todo seus cinco anos de pesquisa.

Para finalizar, um exemplo de Ciberfolk com engajamento político e cidadão de grupos historicamente marginalizados em contextos urbanos e a utilização das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCI) como ferramenta para mediação de diálogos e catalisador de ativismo midiático e social.

É caso emblemático das manifestações ocorridas no dia 21 de setembro de 2025 no Brasil – “o povo nas ruas contra a PEC da Impunidade”, que ocuparam as ruas de mais de 30 cidades e 18 capitais com a mobilização de centenas de milhares de pessoas, e milhões nas infovias digitais conclamando a soberania nacional (Schreiber, 2025). Nessa ocasião, o chamamento público, deflagrado via redes sociais digitais por artistas, influenciadores e movimentos populares de abrangência nacional, articulou um processo de comunicação contra-hegemônica. Este movimento teve como objetivo central a defesa da soberania nacional, da democracia e da ampliação da participação popular nos processos decisórios e encaminhamentos políticos, posicionando-se contra propostas vindas da Câmara dos Deputados como a denominada "PEC da Blindagem" e exigir "Sem Anistia", que visavam proteger grupos políticos que articulam golpe de estado e políticas elitistas. (Pinto, 2025).

Sob a perspectiva da Folkcomunicação, essa dinâmica demonstra a vitalidade dos fluxos populares de informação no ecossistema digital. A convocação de lideranças folk digitais (artistas e influenciadores com alta ressonância popular) age como um agente folkcomunicacional que, segundo Beltrão (1980), é essencial na intermediação entre as expressões culturais populares e os meios de comunicação. Exatamente como contextualiza Costa, L.R., Trigueiro, O.M., & Porto-Bezerra, E. (2009), e o que define Sabbatini (2011) como CiberFolk em que grandes grupos se apropriam das tecnologias digitais para atuarem como ativistas midiáticos para a mobilização coletiva e cidadã.

Dados recentes da pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2024), indicam que o acesso à internet via celular é a principal forma de conexão para a maioria da população e, crucialmente, para as classes C, D e E — as camadas sociais que compõem majoritariamente os grupos populares. Essa universalização do acesso móvel

confere às redes sociais o papel de um poderoso canal de folkmídia, onde as narrativas populares e os valores coletivos são codificados e disseminados em tempo real, atingindo a escala necessária para a mobilização física em grandes centros.

Portanto, o ativismo político mediado pelas TDCIs não é apenas um fenômeno de tecnologia, mas a atualização dos processos folkcomunicacionais na cibercultura, onde a rapidez do digital potencializa a capacidade de articulação comunicacional contra-hegemônica e a criação de uma esfera pública popular.

4. Considerações finais

O presente estudo buscou evidenciar a relevância e a atualidade da teoria Folkcomunicacional e compreender de que modo as expressões culturais dos grupos subalternizados e seus agentes atuam como produtores de comunicação contra-hegemônica.

O levantamento bibliográfico no campo da Folkcomunicação, aliado à análise descritiva e à exemplificação de práticas de folk-ativismo em contextos urbanos e digitais, confirmou a hipótese central deste trabalho. Demonstrou-se que a teoria de Luiz Beltrão é um fundamento teórico robusto e necessário para as pesquisas sobre a realidade contemporânea, marcada por processos de comunicação altamente tecnologizados.

Nossas reflexões revelaram que a crescente atuação de grupos socioculturais jovens, que adaptam suas expressões para o contexto da cibercultura, não apenas dinamiza o folk-ativismo, mas, principalmente, atualiza as práticas folkcomunicacionais em práxis transformadoras. Isso implica reconhecer que a produção cultural desses grupos — expressa por meio de canais próprios e métodos originais de mediação — é essencial para revelar seus conhecimentos, saberes, ideias e valores éticos e estéticos, garantindo seu posicionamento na arena social e política.

Conforme exemplificado, as mobilizações mediadas pelas Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCI) são manifestações claras de que os grupos marginalizados transformam a tecnologia em um poderoso instrumento folkcomunicacional, estabelecendo fluxos comunicacionais intensos que confrontam narrativas hegemônicas. Consideramos pertinente que pesquisas futuras aprofundem a análise etnográfica do folk-ativismo, quantificando o impacto real da ressonância de agentes folk digitais (influenciadores e artistas) no fortalecimento e resistência dos grupos, na

formação da opinião pública e nas decisões políticas, de modo a mapear a evolução dessas atuações no cenário de consolidação da cibercultura e seus mecanismos digitais.

A validade da Folkcomunicação reside, portanto, em sua capacidade de oferecer um método de leitura que localiza e valoriza os atores subalternizados em seus processos e relações. Isso nos leva a concluir que a adoção da Folkcomunicação como metodologia e arcabouço teórico contribui significativamente para o avanço de pesquisas interdisciplinares, fornecendo lentes para grupos de pesquisa; órgãos governamentais e formuladores de políticas, auxiliando na compreensão das demandas e das dinâmicas sociais da base popular; e, dos próprios grupos marginalizados, ao dar visibilidade e legitimidade às suas estratégias comunicacionais de resistência e diálogo.

Financiamento

Esta pesquisa não recebeu financiamento externo.

Conflito de interesses

Nenhum.

Direitos autorais

Os direitos autorais deste artigo pertencem a Cristina Schmidt Silva Portero.

Declaração de disponibilidade de dados

Os dados utilizados neste estudo são de acesso público. Todas as informações que compõem as bases contextuais e teóricas podem ser encontradas nas referências bibliográficas listadas neste trabalho.

Referências bibliográficas

Beltrão, L. (1971). *Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de idéias*. Melhoramentos.

_____. (1980). *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez.

Benjamin, R. (2000). *Folkcomunicação no Contexto de Massa*. Editora Universitária da UFPB.

Comitê Gestor da Internet no Brasil (2024). TIC Domicílios – 2024. *CGI.br*
<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2024/domicilios/>

Costa, L.R., Trigueiro, O.M., & Porto-Bezerra, E. (2009). Folkcomunicação e Cibercultura: Os Agentes Populares na Era Digital. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 7(14), 1-12. <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18742>

Fernandes, G.M. (2022). Por uma práxis folkcomunicacional: ideias iniciais. In Schmidt, C., Hohlfeldt, A., & Mergulhão, E. (Org.), *A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas* (pp.115-140). EdUPUCRS.

Hohlfeldt, A. (2006). Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In Schmidt, C. (Org), *Folkcomunicação na arena global*. Ductor.

_____. (2011) A comunicação enquanto diálogo em Paulo Freire e Luiz Beltrão. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación (ALAIC)*, 8(14/15), 94-102.
<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/35>

Luyten, J. (1998). *Sistemas de Comunicação Popular*. Editora Ática.

Machado-da-Silva, J. (2014). Luiz Beltrão: o profissional de Jornalismo e o preparador de jornalistas. In Beltrão, L., *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de idéias*. EdUPUCRS.

Marques-de-Melo, J. (2008). *Mídia e Cultura Popular: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação*. Paulus.

Martins, J. (2017). Cinza nos muros: gerenciamento da paisagem urbana e a resistência do grafite. In Lucena, S., Maux, S., Albuquerque, A.K., & Martins, J. (Orgs.), *Folkcomunicação e novas abrangências do Desenvolvimento Local*. Editora Ideia.

Mergulhão, E., Schmidt, C., & Jaconi, S. (23 de diciembre, 2021). Atualidade em Cordel: linguagem popular e suporte jornalístico. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 19(43), 46-62. <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i43.00010020>

Perdigão, A. (2022). *Política e literatura de cordel: o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica*. RDS.

Pinto, V. (2025). 21/09: dia de Povo Brasileiro nas ruas contra a PEC da Impunidade. *CUT*. <https://www.cut.org.br/noticias/domingo-21-e-dia-de-ato-contra-a-pec-da-impunidade-e-sem-anistia-para-golpista-66f5>

Sabbatini, M. (2011) A Folkcomunicação na Era da Convergência Midiática Digital: Da Folksonomia às Narrativas Folkmidiáticas Transmídia. *Revista Razón y Palabra*, 77(1), ISSN-e 1605-4806.

Schmidt, C. (2022a) *A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas*. EdIPUCRS.

____ (2022b). A Pedagogia da Autonomia e a Folkcomunicação: prática dialógica contra a desinformação na pandemia de COVID-19. *Revista Razón y Palabra*, 25(114). <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/download/1957/1736/7337>

Schreiber, M. (21 de septiembre, 2025). Manifestações contra PEC da Blindagem e anistia de Bolsonaro mobilizam as ruas pelo Brasil. *BBC*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gvzwold4do>

Trigueiro, O.M. (2008). *Folkcomunicação e ativismo midiático*. Editora Universitária da UFPB.